

Área temática: Estudos Organizacionais

Título do Trabalho: Análise das violências simbólicas nas trajetórias de homossexuais masculinos de Juiz de Fora

AUTORES

HENRIQUE LUIZ CAPRONI NETO

Universidade Federal de Juiz de Fora

henriquecap_adm@yahoo.com.br

RENATA DE ALMEIDA BICALHO PINTO

Universidade Federal de Juiz de Fora

rabicalho@yahoo.com.br

Resumo:

O presente artigo destina-se a analisar as violências de caráter simbólico vivenciadas por homossexuais masculinos e um bissexual de Juiz de Fora, com destaque para o âmbito profissional. Recuperamos trabalhos que tratam da construção da homossexualidade na sociedade, da violência simbólica e sua relação com as não heterossexualidades. Entrevistamos seis homossexuais masculinos e um bissexual por meio da técnica de história oral. Tratamos os dados por meio da análise de conteúdo qualitativa temática considerando duas categorias: violência em caráter amplo e violência e trabalho. De modo geral, as manifestações de violência simbólica abrangem uma visão negativa sobre os não heterossexuais, estereótipos e a não aceitação. No trabalho, tais manifestações também se apresentam por meio da internalização do ponto de vista heteronormativo, exclusão e desqualificação do homossexual.

Palavras chave: Homossexualidade, trabalho, violência simbólica

Abstract:

This article aims to analyze the symbolic character of violence experienced by gay men and one bisexual from Juiz de Fora, especially in the professional sphere. Recover works dealing with construction of homosexuality in society, the symbolic violence and its relationship with non heterosexuality's. We interviewed six gay men and a bisexual through the technique of oral history. We treat data through qualitative thematic content analysis considering two categories: violence in wide character and violence in work. In general, the manifestations of symbolic violence include a negative view about the non-heterosexual, stereotypes and non-acceptance. At work, such events also occur through internalization of a social view that values the heterosexual model, exclusion and disqualification of the homosexual.

Key-words: homosexuality, work, symbolic violence

1. Introdução

O presente artigo destina-se a analisar as violências de caráter simbólico vivenciadas por homossexuais masculinos e um bissexual de Juiz de Fora, com destaque para o âmbito profissional.

Mesmo a maioria das pesquisas sobre diversidade sexual e trabalho terem como foco o homossexual masculino, pode-se notar que ainda são poucas como Irigaray (2007), Ferreira e Siqueira (2007), Siqueira et al (2009), Bicalho e Diniz (2009), Pereira (2009) Irigaray, Saraiva e Carrieri (2010) e Souza e Pereira (2010). Nessa direção, esta pesquisa pretende contribuir para o debate da diversidade sexual e da violência nas organizações tendo em vista o status de não aceitação das não heterossexualidades na sociedade.

Para isso, a primeira sessão abrangerá a construção social da homossexualidade. Após, o foco será a violência simbólica e sua relação com as não heterossexualidades. Em seguida, evidenciaremos a metodologia e a análise dos dados. Por fim, traremos algumas considerações.

2. Homossexualidade

A sexualidade humana é uma dimensão permeada por significados, interações sociais e institucionais estabelecendo posições sociais, bem como posições identitárias e políticas. As sexualidades são parte de um debate político que influencia a estruturação das hierarquias sociais. Ao longo da história, as sexualidades foram e ainda são objetos de disputa, meios de controle, de violência e de libertação. A heterossexualidade burguesa foi considerada uma experiência universal em virtude de um discurso hegemônico que culminava inferiorizando ou tornando invisível qualquer experiência diferente daquilo que é tido como normal. As não heterossexualidades foram condenadas por este discurso hegemônico, que se baseou na religiosidade e no método científico, o que culminou em desigualdade, exclusão social bem como em menos direitos sociais (PRADO & MACHADO, 2008).

Em linha semelhante, Adelman (2000) defende que, como a sexualidade se dá no âmbito da cultura, não existe uma sexualidade natural nem um meio de se praticar a sexualidade mais natural do que outro, o que existe são construções sociais e históricas da sexualidade que implicam em formas de poder ou de dominação. Salienta também que o ocidente tem investido historicamente numa sexualidade baseada na família, na heterossexualidade, na monogamia e que privilegia a prática sexual direcionada para a procriação. Nesse sentido, Borillo (2010) ressalta que a diferença entre homossexualidade e heterossexualidade tem por objetivo ordenar um regime das sexualidades de tal modo que os comportamentos heterossexuais seriam qualificados como modelo social e como referência para qualquer sexualidade. Assim, a divisão dos gêneros e o desejo heterossexual não seria um dispositivo de reprodução biológica da espécie, mas um dispositivo de reprodução da ordem social.

Exatamente pela homossexualidade estar envolvida por uma construção sócio-histórica, é complexa a sua conceituação. Para Fry e Macrae (1985, p. 7) “a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo”, assim ela pode ser algo em determinado momento histórico, algo diferente em certa sociedade ou ainda em outro grupo dessa mesma sociedade. Nessa direção, Prado e Machado (2008) ressaltam que, mesmo com o espaço que a homossexualidade vem ganhando na sociedade, não há uma definição consensual sobre o que ela é. Assim,

esta indefinição se dá porque a homossexualidade é, como vimos, mais que o comportamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, é mais que a orientação do desejo sexual para pessoas do mesmo sexo, e é mais que nutrir afetos por pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade pode abranger todas essas características, parte

delas ou ainda ultrapassar essas definições através dos complexos arranjos culturais que o ser humano é capaz de criar (PRADO & MACHADO, 2000 p.28).

A identificação das pessoas como homossexuais surgiu de um movimento de higiene social cujo objetivo era regular e controlar a vida das massas urbanas e os primeiros estudos desse movimento buscavam descobrir as “causas” da homossexualidade visando uma normatização da vida sexual (ADELMAN, 2000). Já a criação do sujeito homossexual ocorre no século XIX pelo médico húngaro Carol Maria Benket que inventa a palavra homossexualismo para descrever um comportamento “desviante” e “perverso” entre pessoas do mesmo sexo. O sufixo *ismo* da palavra é que destaca as relações entre pessoas do mesmo sexo como algo patológico, desviante, anormal, pecaminoso e perverso. Porém, no século XX, o termo foi re-significado e começa a ser utilizado como homossexualidade ou homoafetividade, sendo esta considerada uma possibilidade legítima de homens e mulheres viverem seus afetos e prazeres (FURLANI, 2009).

Nesse sentido, cabe enfatizar que, no século XX, a representação da sexualidade começou a ser relacionada com o prazer, com a expressão individual, com a identidade pessoal e com o mercado, dessa forma diversos grupos – como homossexuais, bissexuais, mulheres e jovens – começaram a contestar várias formas tradicionais (igreja, família, comunidade) e modernas (o Estado, a medicina e a psiquiatria) de regulação da sexualidade por meio de uma política sexual (ADELMAN, 2000). Sobre essa nova visão, Prado e Machado (2008) ressaltam que é decorrente de um modelo de sexualidade que contempla a diversidade sexual, em virtude dos seguintes fatores: surgimento de grupos sociais organizados; de estudos científicos menos preconceituosos quanto à homossexualidade; de uma autonomia da sexualidade, que desvinculou sexo e procriação; e pela visibilidade da homossexualidade masculina e feminina.

Contudo, a homofobia e o preconceito às não heterossexualidades são fenômenos presentes ainda em nossa sociedade tendo em vista que em 2011 houve 266 assassinatos de gays, lésbicas, travestis e transexuais no país sendo que destes 162 são de homossexuais masculinos (GRUPO GAY DA BAHIA, 2012). Assim, a preocupação com a homofobia altera a forma como a homossexualidade tem sido problematizada, em detrimento de se estudar o comportamento homossexual, tratado como desviante, busca-se estudar as causas que levaram a considerar essa sexualidade como desviante e analisar a hostilidade relacionada com a homossexualidade, sendo esta também uma questão política, uma vez que o foco é transferido da questão homossexual para a questão homofóbica (BORILLO, 2010).

Em face do exposto, destacamos a construção social das sexualidades, enfatizando o status de não aceitação e de desvalorização social das não heterossexualidades seja pela visão de pecado, de doença ou de promiscuidades. Isso atua legitimando diversas violências perante os não heterossexuais. Dito isso, a próxima trata da violência, da violência simbólica e de sua relação com as não heterossexualidades.

3. Violência Simbólica e Homossexualidade

A violência é algo tão presente no nosso cotidiano que, muitas vezes, não notamos o quanto somos violentados tanto no ambiente social como no organizacional. Assim, uma situação pode ser considerada não violenta para quem a vê, no entanto pode ser de extrema violência para quem a experimenta. Portanto, a violência também estaria presente na negação do outro, de sua singularidade, de sua diversidade. Ademais, a reflexão sobre a organização do trabalho e sobre as relações de trabalho permite evidenciar aspectos relacionados com aquela violência sutil presente nas organizações (SIQUEIRA, 2009).

Nesse esteio, Bicalho (2008) diz que o tema da violência nas organizações tem sido destacado tanto mídia como no meio científico em administração, considerando duas perspectivas de análise: o primeiro trata das violências não perceptíveis nas organizações e o

segundo lida com a vitimização, ou seja, em como trabalhadores significam e interpretam essa violência. Todavia, a pesquisadora enfatiza a relevância de se analisar a convergência de tais perspectivas envolvendo as situações em que a violência é percebida e relatada e daquelas em que não é relatada e o motivo.

A respeito do conceito da violência, Bicalho (2008) salienta que ele coincide e diverge em algumas obras. Porquanto, evidenciam-se três visões sobre esse conceito: uma relacionada com as interações pessoais, outra baseada na estrutura e a última faz referência ao poder simbólico. Dentro dessas visões, há aquelas que tratam tal conceito por uma perspectiva mais objetiva e relacionada com o que é observável, e outras com uma perspectiva mais subjetiva e por meio da fala dos vitimizados.

Na visão de Faria e Meneghetti (2002), a violência remete a toda forma de exploração e dominação. Logo, a definem como

a prática de ações voltadas para preservar interesses específicos através de instrumentos coercitivos explícitos ou sutis de qualquer natureza, em contraposição aos mais legítimos interesses e direitos coletivos, desqualificando a práxis democrática, crítica e reflexiva e instituindo, com a finalidade de perpetuar, fatos e situações intensas de força e desproporcionais à utilidade tolerável da aceitação da dominação como fruto das relações de poder, impondo, assim, um ambiente de não questionamento da realidade com o intuito de reproduzi-la (FARIA & MENEGHETTI, 2002, p. 4).

Tais autores ressaltam que as manifestações de violência estão relacionadas com a concentração de poder em relações assimétricas prevalecendo os interesses particulares em detrimento dos coletivos. A partir disso, classificam-nas por sua multiplicidade em violência física, psíquica, social, estrutural e simbólica. Ainda afirmam que essas formas de violência não se apresentam isoladas, hierarquizadas ou excludentes, por isso é relevante identificar em qual delas encontra-se a origem dos problemas para que se evite a manifestação e a banalização da violência. Ademais, destacam que os indivíduos se organizem coletivamente, repensando as relações de trabalho, identificando e se conscientizando das manifestações de violência, posto a relevância do pensamento crítico e reflexivo para a prática democrática e coletiva.

Este estudo tem como foco a violência simbólica conforme Bourdieu. Logo, é relevante destacar que, numa visão interpretativa, as organizações podem ser demarcadas como espaços simbólicos que tendem a reproduzir o contexto geral da sociedade, portanto visam a reproduzir sua lógica, virtudes e preconceitos (ROSA & BRITO, 2009).

Para compreender a violência simbólica, é relevante recuperar alguns pontos sobre o poder simbólico (BOURDIEU, 2002) devido à relação entre tais conceitos. O poder simbólico pode ser caracterizado como um poder invisível, estruturante, de construção da realidade, o qual estabelece um sentido de construção imediata ao mundo. Logo é tido como o “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força” (BOURDIEU, 2002, p.14). Esse poder se apresenta por meio de sistemas simbólicos nos quais as produções simbólicas atuam como instrumentos de dominação, destarte

...enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica)... as diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição de mundo social mais conforme os seus interesses... (BOURDIEU, 2002, p. 11).

Dessa forma, a violência simbólica ocorre em razão do poder simbólico sendo definida como uma violência “suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última estância, do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 7). Evidencia-se a relação entre a violência simbólica e as estruturas de dominação historicamente construídas, posto que agentes como as instituições, as famílias, a Igreja, a Escola, o Estado e os homens - por meio da violência física e da violência simbólica - contribuem para a reprodução das estruturas de dominação. Destarte, o dominado assume o ponto de vista do dominante, pois

a violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimentos que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.) resultam da incorporação de classificações assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2003, p.47).

Enfatizando as organizações e as minorias, Rosa e Brito (2009) ressaltam que a violência simbólica busca conservar os padrões dominantes e manter a estabilidade do campo, porquanto visa assegurar a dominação dos quais ocupam posições de destaque nesse espaço e, assim, subjugar as minorias que se inserem nesse espaço. Assim,

a *doxa* (cultura dominante legítima e compartilhada pela maioria - esta no sentido sociológico do termo) opera uma ação pedagógica no sentido de inculcar nesse exemplos (mulheres, negros e homossexuais) a “cultura oficial”, violentando seu *habitus* primário, obrigando-os a (des)assumirem determinados comportamentos ou atitudes (in)compatíveis com a *doxa* organizacional. Estar submetido ao processo pedagógico descrito e aceitá-lo como legítimo, incorporando seu “arbitrio cultural” como verdade e assumindo posturas morais e corporais segundo sua *doxa*, consiste em submeter-se a uma violação do *habitus* primário, uma violação da subjetividade pregressa em prol de uma nova disposição durável, de um novo espírito, um novo modo de pensar (*ethos*) e agir (*héxis*). Em outros termos, significa estar submetido à violência simbólica, subjacente à construção de um novo *habitus* (ROSA & BRITO, 2009, p. 641).

Nesse contexto das minorias, em virtude do status de desvalorização social das não-heterossexualidades, a violência simbólica demonstra a discriminação sofrida pelos homossexuais, bem como a estigmatização e a invisibilidade a que estão submetidos, uma vez que

a forma particular de dominação simbólica de que são vítimas os homossexuais, marcados por um estigma que, à diferença da cor da pele ou da feminilidade, pode ser ocultado (ou exibido), impõe-se através de atos coletivos de categorização que dão margem a diferenças significativas, negativamente marcadas, e com isso a grupos ou categorias sociais estigmatizadas. Como em certos tipos de racismo, ela assume, no caso, a forma de uma negação da sua existência pública, visível. A opressão como forma de “invisibilização” traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida, sobretudo pelo Direito, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade. Alega-se, então, explicitamente, a “discrição” ou a dissimulação que ele é ordinariamente obrigado a se impor (BOURDIEU, 2003, p.143).

Assim, na relação entre violência simbólica e o preconceito, Prado e Machado (2008) dizem que ele nos impede de “ver” que “não vemos” e “o que é que não vemos”, além disso, é um elemento relevante na estruturação das hierarquias e na manutenção das inferiorizações sociais. O preconceito também impede que relações subordinadas se transformem em política, dessa forma atua naturalizando uma ordem social e contribuindo para os processos de dominação social, assim inferiorizando as não heterossexualidades. Logo,

no âmbito da sexualidade, o preconceito social produziu a invisibilidade de certas identidades sexuadas, garantindo a subalternidade de alguns direitos sociais e, por sua vez, legitimando práticas de inferiorizações sociais, como a homofobia. O preconceito, neste caso, possui um funcionamento que se utiliza, muitas vezes, de atribuições sociais negativas advindas da moral, da religião ou mesmo das ciências, para produzir o que aqui denominamos de hierarquia sexual, a qual é embasada em um conjunto de valores e práticas sociais que constituem a heteronormatividade como um campo normativo e regulador das ações humanas (PRADO & MACHADO, 2008, p. 70).

Bicalho e Diniz (2009) apreciaram entrevistas de doze homossexuais masculinos e notaram que as violências simbólicas com maior ocorrência são aquelas relacionadas com a depreciação do homossexual demonstrando que o homossexual é preterido pelo heterossexual e também excluído dos ciclos sociais. Essa exclusão também se estende à perda de promoções, à dificuldade de crescimento na carreira e à inserção no mercado de trabalho. É clara a dominação simbólica na visão das autoras quando os homossexuais buscam se ajustar ao modelo heteronormativo hegemônico, desse modo, negam sua identidade e impõem a si mesmos diversos controles de comportamento. Nessa visão, os homossexuais dominados simbolicamente assumem, muitas vezes, o ponto de vista de uma sociedade sexista e homofóbica, e inclusive discriminam outros homossexuais que possuem traços femininos.

A particularidade desta relação de dominação é que ela não está ligada aos signos sexuais visíveis, e sim à prática sexual. A definição dominante da forma legítima desta prática, vista como relação de dominação do princípio masculino (ativo, penetrante) sobre o princípio feminino (passivo, penetrado) implica o tabu da feminilização, sacrilégio do masculino, isto é, do princípio dominante, que está inscrito na relação homossexual. Comprovando a universalidade do reconhecimento concedido à mitologia androcêntrica, os próprios homossexuais, embora sejam disso (tal como as mulheres) as primeiras vítimas, aplicam a si mesmos muitas vezes os princípios dominantes: tal como as lésbicas, eles não raro reproduzem, nos casais que formam, uma divisão dos papéis masculino e feminino (inadequada a aproximá-los das feministas, sempre prontas a suspeitar de sua cumplicidade com o gênero masculino a que pertencem, mesmo se este os oprime) e levam por vezes a extremos a afirmação da virilidade em sua forma mais comum, sem dúvida em reação contra o estilo “efeminado” antes dominante (BOURIDEU, 2003, p. 144).

Tal ponto também foi constatado por Souza e Pereira (2010) em pesquisa com homossexuais masculinos, a qual demonstrou que os homossexuais “definem” quais seriam os comportamentos aceitáveis para os homossexuais, de acordo com os tipificados como masculinos (aceitos) e os tipificados como femininos (rejeitados), o que evidencia a discriminação perante os homossexuais efeminados. Portanto, salientam que “existe uma naturalização do modelo heterossexual pelos homossexuais e uma tentativa de estabelecer regras de funcionamento similares às do heterossexualismo” (SOUZA & PEREIRA, 2010, p. 10).

Ademais, devemos considerar os limites da proposta de Bourdieu ao refletir sobre as organizações e a sociedade, tendo em vista que “dentro desse quadro teórico, não há uma teoria da resistência que nos ajude a pensar nas possibilidades de o sujeito dominado se colocar contra a ordem dominante” (ROSA & BRITO, 2009, p. 642). Porém, Rosa e Brito

(2009) ressaltam que há movimentos de resistência das minorias como o movimento feminista, o negro e o LGBT, e que, do ponto de vista simbólico, esses movimentos buscam (re) construir o significado de ser mulher, negro ou homossexual, e, dessa forma, acabam impactando em políticas que buscam a valorização da diversidade nas organizações.

4. Metodologia

É uma pesquisa qualitativa por lidar com aspectos subjetivos das trajetórias profissionais de homossexuais masculinos, assim Chizzotti (2008, p. 79) resalta que essa abordagem “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”.

Os participantes foram selecionados por indicação e são seis homossexuais masculinos, considerados aqueles que possuem desejos afetivos e sexuais por alguém do mesmo sexo e um bissexual masculino, o qual possui desejos afetivos e sexuais por pessoas de ambos os sexos (PICAZIO, 1998). Eles possuem idade média de 35 anos, tempo de trabalho médio de 18 anos e dois participantes trabalham em organizações públicas enquanto os outros cinco trabalham em privadas. Quanto ao nível de escolaridade: cinco deles possuem nível superior completo, um o possui incompleto e um possui curso técnico em contabilidade.

O método de levantamento dos dados utilizado foi a história oral conforme Meihy (1996). Considerando esse método e a pesquisa organizacional, cabe destacar que a “história oral permite captar as experiências de indivíduos pertencentes a categorias sociais cujas percepções e intervenções são excluídas da história oficial e da documentação oficial das organizações” tal como as minorias (ICHIKAWA & SANTOS, 2006, p. 201). As entrevistas foram realizadas em Juiz de Fora – MG durante o segundo semestre de 2011. A análise das entrevistas foi realizada através da análise de conteúdo temática e qualitativa, conforme Bardin (2008). Nessa direção, Franco (2003, p. 14) destaca que a análise de conteúdo baseia-se em elementos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem como a semântica, “aqui entendida não apenas como o estudo da língua, em geral, mas, como, a busca descritiva, analítica e interpretativa do sentido que um indivíduo (ou diferentes grupos) atribuem às mensagens verbais e simbólicas”.

5. Análise dos Dados

A análise será organizada de acordo com duas categorias: violência em caráter amplo, e violência e trabalho.

5.1 Violência em caráter amplo

Esta categoria busca tratar da visão do homossexual na sociedade, dos estereótipos e da sua aceitação. O primeiro trecho trata a respeito da visão social do homossexual masculino.

As pessoas têm noção de ser gay, não sei se você já viu aquela definição da palavra gay, você já viu? Gay seria em francês colorido, então são pessoas alegres, pessoas coloridas, então quer dizer as pessoas têm a mentalidade de que gay é um palhaço, que gay não é pessoa, que gay não tem o cargo de confiança por ele não ter capacidade de exercer alguma coisa, ter alguma função além da parte sexual dele, então o gay sempre foi excluído da sociedade (Entrevista do homossexual quatro).

O homossexual resalta uma visão negativa que a sociedade teria a respeito do homossexual masculino. Nota-se que tal visão é pautada pelo estereótipo do gay como “algo colorido”, ou seja, algo que foge aos padrões socialmente valorizados, alguém não sério, considerado um palhaço e incapaz. Logo, notamos a violência já que esse estereótipo tem por consequência a desqualificação do homossexual tanto na sociedade quanto no trabalho, sendo

visto como alguém que tem apenas por foco a sexualidade, o que remete à promiscuidade e à exclusão. Veja estereótipo na passagem seguinte:

...Porque eles acham que muitos de nós somos muito frágeis, somos pessoas que choram e etc. E não é assim. Na verdade, a gente é uma pessoa normal como todo cara é. A única diferença é a preferência da gente, a gente prefere estar namorando com outro cara e não uma moça.

No caso, eles acham de não ter feelings também, como assim?

Porque em determinadas situação que você tem que ter pulso firme, vamos colocar no caso uma mulher lésbica, muitas delas apresentam aquela fala praticamente como a de um general. Então, eles acham que isso a torna uma pessoa insensível também. Eu acho que não é muito por aí não, eu já tive supervisoras, não aqui, pessoas de uma outra empresa, que eram, e era uma pessoa normal. Na verdade, tinha muitos homens que queriam namorar com ela. E ela falava que “não me interessa porque eu tenho minha namorada” (Entrevista de homossexual três).

O homossexual masculino diz que há na sociedade um pensamento dominante ou, nesse caso, um estereótipo que relaciona os homossexuais à fragilidade e as lésbicas a certa dureza ou frieza no comportamento. A violência simbólica está expressa porque esse tipo de pensamento dominante tem por consequência uma distorção sobre os homossexuais e que, talvez assim, os homossexuais não poderiam se dedicar a uma atividade relacionada com um comportamento que vá à contramão desses estereótipos, de tal modo que os homossexuais masculinos só poderiam se dedicar a profissões consideradas femininas e as lésbicas àquelas consideradas masculinas.

A seguir, destacamos a questão da aceitação dos não heterossexuais:

... É claro que existem pessoas que lidam bem com isso. Mas isso é uma minoria, minoria. Claro que existem mães que aceitam seus filhos, pais que aceitam seus filhos. Mas a grande maioria. Isso se subdivide em diversos blocos: os pais, familiares, e amigos, que convivem bem com as pessoas que são; a outra parte que diz que convive e é mentira, porque quando aparece dentro da própria família, convive bem com os amigos dos filhos, mas quando eles não estão por perto, fazem as suas piadinhas ou dizem que não suportariam se acontecesse na família e se tem na família não aceita; existem aqueles que dizem que amam e é uma mentira muita absurda; existem aqueles que são completamente, acham que são alienígenas, que tem que, se tivéssemos pena de morte ou chibatadas em praça pública seria, aconteceria isso. Então, nos temos uma sociedade muito dividida entre aceitar e não aceitar ou matar. E sem ser extremista, porque é exatamente assim. Se não fosse assim, não teríamos mortes o tempo todo... (Entrevista de homossexual cinco).

Ao analisar a questão do homossexual na sociedade, o entrevistado observa que há uma postura contraditória e dividida à vista de que é uma minoria de pessoas que sabem lidar ou aceitam de fato os homossexuais, enquanto a grande maioria não aceita explícita ou implicitamente, ou finge que aceita, evidenciando a falsa aceitação das diferenças. Além disso, também destaca a violência a que estão submetidos os não heterossexuais ao criticar casos extremos de agressões físicas e até mesmo de homicídios. Nessa questão, a seguinte fala remete à relação entre o sucesso e a “aceitação”:

Quando eu conheci o primeiro cara que eu fiquei, conversei muito com ele, fiquei muito amigo dele... Aí, eu falei com ele “calma, famílias repudiam gays fracassados”, ele era filho de pessoas pobres, de família pobre. Aí eu falei, ele era mais novo que eu, eu falei “se você conseguir passar uma imagem de vencedor, esse vai ser um dos aspectos menos importantes na sua vida” e foi o que aconteceu. Ele se formou em ciências, foi o primeiro a se formar em curso superior na família dele, ele formou em ciências contábeis. E depois que ele veio para Juiz de Fora... ficou aqui durante 11 anos, ele, para a gente ficar mais perto, aí ele se formou em Direito aqui na Federal. E o sonho do pai dele era ter um filho advogado. Então aquele filho indesejado que apanhava sem saber o porquê tornou-se o xodó da família. As famílias não gostam de terem filhos gays fracassados. Se for bem

sucedido, vai ser igual a mãe do Clodovil, vai andar com o filho com o maior orgulho para baixo e para cima. (Entrevista do bissexual).

O bissexual relata a história de seu namorado que, visando ser aceito pela família, dedicou-se ao Direito para realizar o sonho de seus pais. Assim, a família do referido não heterossexual não se importaria com sua homossexualidade, por ser alguém de sucesso ou que detenha recursos financeiros. Destacamos que em virtude de se tornar alguém com recursos econômicos e bem sucedido profissionalmente, o referido namorado passou de um status de alvo de violência familiar para alguém admirado e, de certo modo, “aceito”. É preocupante observar que o homossexual está sendo aceito não por ser uma pessoa boa ou honesta, mas em virtude de posses mesmo quando a sexualidade o desqualifica perante à sociedade heteronormativa.

Como veremos na próxima seção, essas manifestações de violência simbólica também ocorrem na esfera laborativa de tais indivíduos.

5.2 Violência e trabalho

Esta categoria, composta por outras duas, trata da rotina e do agir dos homossexuais no trabalho, bem como de sua desqualificação e exclusão.

5.2.1 A rotina e o agir no trabalho

Considerando a rotina e o agir dos homossexuais masculinos, iniciaremos com o “não dito”:

Você nunca se abriu?

Não. Profissionalmente não.

Com ninguém? Nas empresas que você trabalhou? No escritório?

Não, no meio profissional não. No meio profissional é bem, o pessoal não sabe, alguns que sabem respeitam, nunca tocaram no assunto, alguns que sabem já conversaram algumas vezes sobre isso, mas nunca voltaram ao assunto, sempre respeitaram, nunca assim me oprimiram, mas sempre lidaram com a maior dignidade e respeito possível. Mas no meio profissional, ninguém sabe.

Mas, esses alguns que você falou são do meio profissional ou não?

Alguns são do meio profissional.

Então alguns do seu meio profissional sabem, mas geralmente se calam?

É isso, se calam, não tocam (Entrevista de homossexual dois).

Perceba que há um grande tabu envolvido na questão da homossexualidade do indivíduo dois no trabalho haja vista que aqueles que sabem sobre sua sexualidade geralmente não falam tal. A violência simbólica é manifesta porque tanto ele quanto as pessoas preferem não falar sobre o tema, o que, de certo modo, demonstra um preconceito, mesmo que sutil, uma invisibilidade e uma exclusão contribuindo para o estigma de sua sexualidade posto que não se quer expressar aquilo que é desvalorizado ou considerado anormal. Além de ser uma forma de negar sua sexualidade e parte de sua identidade.

É um aspecto relevante do agir dos homossexuais a busca pela seriedade no trabalho.

... tentar ser o mais sério possível, ser o mais profissional possível, tentar em algumas situações, acontece, das profissões acontece... tentar ser o mais imparcial possível, tentar dividir as situações entre o pessoal e o profissional, se você tem um colega de trabalho, tem um cliente, uma pessoa que você lida, tentar separar as coisas, isso que é o mais importante, não misturar, por exemplo, um relacionamento que poderia ocorrer de um colega ou um cliente, de uma pessoa que você lida, porque você sabe que iria dar problema. Então eu tento ser o mais sério possível, como eu vejo que outras pessoas com as quais eu já conversei também nessa situação, pessoas da minha área que são bem mais antigas que eu, que até 6 horas é uma coisa, acabou, tira o paletó, ai pronto, é outra pessoa, pode descontraí, pode estar com os amigos, mas ser o mais sério possível (Entrevista de homossexual dois).

O homossexual conta que no trabalho busca ter sempre uma postura de seriedade, de imparcialidade e busca uma total separação entre a vida pessoal e profissional. Enfatizamos que ele trabalha numa área considerada conservadora, o Direito, assim ele observa que a maioria dos profissionais homossexuais tendem a agir desse modo. Nota-se a violência implícita e introjetada que está expressa em tal trecho, pois ser homossexual está relacionado com a não seriedade profissional já que ele crê que separando o pessoal (aspecto homossexual) do trabalho será respeitado profissionalmente, além de ser evidente a negação da sua identidade no trabalho. A passagem a seguir também foca a seriedade como estratégia.

... eu posso te dizer que nos meus, do tempo que eu comecei a trabalhar até agora com uma mão eu conto os dias que eu faltei no trabalho, e tinha que ser algo bem grave porque fora disso eu nunca faltei, eu ia doente, eu ia com febre, eu ia com dor em tudo quanto é lugar que você imaginar, mas eu ia trabalhar.

E por que dessa forma rígida?

Porque eu achava que eu tinha que me destacar. Caso, eles descobrissem, eles não poderiam falar isso de mim. Então, é o tipo de pessoa que eu não queria dar margem para falar que eu fiz algo fora do meu serviço que prejudicou meu trabalho. Não!

Uma forma de você mostrar também que mesmo sendo gay, você era competente também?

Também. Essa é a principal ideia ... (Entrevista do homossexual três).

O homossexual informa que, em toda sua carreira, faltou pouquíssimas vezes ao trabalho, indo a ele mesmo doente. Essa postura era uma forma que encontrou para se destacar, para garantir seu emprego e para não ser julgado ou questionado sobre sua sexualidade. Por fim, também era um meio de demonstrar sua competência e seriedade. Está implícito que o homossexual tem que se esforçar mais visando ser tratado igualmente ao heterossexual e evitar a discriminação.

Outro tipo de estratégia relacionada com o modo de agir no trabalho se refere ao afastar-se em relação às pessoas no ambiente de trabalho. Seguem as opiniões dos homossexuais três e quatro a respeito disso.

Eu acho que se você, como eu te disse, mantendo essa postura de ficar um pouco afastado, um pouco mais recluso nas suas preferências, não quer dizer que você vai ser apagado ou que você esteja, como que eu vou dizer, omissa, não, você não é nem um pouco isso. Eu acho que o ideal é saber delinear bem isso. Você continuar sendo um bom profissional, continuar sendo uma pessoa íntegra (Entrevista de homossexual três).

Piada sempre tem, mas não hoje porque a partir do momento que você mantém uma posição sua, as pessoas te respeitam, porque você se respeita e a pessoa te respeita, por isso que eu falo você tem que ficar sempre atrás, se você der liberdade, a pessoa vem quanto tiver oportunidade e te monta, então você tem que se manter naquela posição que você é, a sua vida tem que ser lá fora, não aqui dentro.

Então, tudo relacionado ao mundo homossexual, você deixa de fora do trabalho?

Fora do trabalho, não tem nada a ver comigo (Entrevista de homossexual quatro).

De acordo com o primeiro trecho acima, o entrevistado acredita que o homossexual deve se manter mais discreto ou afastado, principalmente com relação à sua sexualidade, no seu ambiente de trabalho. Nota-se aqui a internalização da violência simbólica quando o homossexual busca ser mais discreto ou afastado, de certo modo, ele está adotando o ponto de vista de uma sociedade heteronormativa, se invisibilizando e buscando parecer com os heterossexuais. No segundo trecho, o homossexual utiliza a estratégia de afastamento como uma defesa para não ser violentado e acredita que não deve expor sua sexualidade no trabalho. Perceba o preconceito e a violência ao tratar a sexualidade com forte tabu e

invisibilidade e note a introjeção da violência simbólica na crença de que se dar ao respeito é negar seu lado homossexual no trabalho.

É também manifestação clara de violência simbólica o parecer heterossexual ou discreto no trabalho.

Mas nessa nova profissão minha, eu descobri que tem várias pessoas que trabalham no meu meio que são, inclusive o que é meu chefe lá é, também muito discreto e tudo. Ele também já me demonstrou como que deve ser no ambiente de trabalho, eu certamente to acompanhando, foi o que ele me falou, ele falou que infelizmente para você subir, para você ter o respeito das pessoas, aqui também você tem que ser dessa forma, tem que ser o mais discreto possível, tem que se dar o respeito pra você ser respeitado (Entrevista de homossexual dois).

Mas a única regra ainda que impõe toda empresa seria “tudo tem um limite”, então pode ser à vontade em outra situação, mas dentro da empresa tem de ser de tal forma, tem que haver o respeito, fora daqui pode ser como quiser (Entrevista de homossexual dois) .

Consoante a primeira passagem, pode-se evidenciar a violência simbólica na qual se dar o respeito é ser “discreto”, ou seja, ser o mais parecido com um heterossexual e que esse tipo de pensamento é ratificado pelo chefe homossexual, dito discreto pelo entrevistado. Ademais, deve-se ser discreto para ser respeitado e ter acesso às oportunidades de crescimento profissional. É expressa aqui também a internalização de violência simbólica ou a doxa, pois ele adota o ponto de vista da sociedade enquanto heteronormativa. Reforçando isso, no segundo trecho, o indivíduo afirma que essa “tal forma” que o homossexual tem que ser dentro da empresa remete à discricção, ao controle do seu comportamento e a se parecer com um heterossexual. Também é notória na seguinte expressão “tudo tem um limite” e esse limite abrange ser o mais discreto e o mais parecido com o heterossexual. O seguinte depoimento também trata da preocupação em se parecer heterossexual:

eu ficava muito preocupado se vai dar certo, se estou certinho, se não está, se eu fiz a coisa correta, se é isso mesmo. Eu tava preocupado com a pessoa, se a pessoa vai rir de mim, vai debochar de mim. Nesse sentido, preocupar muito com o que os outros pensam a meu respeito [...]

Então, de certa forma, você sempre estava querendo manter uma imagem de heterossexual?

É, de bonitinho, que tem tudo certinho.

E você achou que atrapalhou no seu crescimento nas empresas?

Ah, eu acho que sim. Às vezes, eu olho para trás e eu falo “gente eu fui bobo, eu podia ter me dado mais razão, ter aceitado tal proposta, porque eu já recebi várias propostas de subir de cargo, de comandar”. E, às vezes, eu deixei passar por questão de medo... (Entrevista de homossexual seis).

Nota-se a internalização da violência simbólica na busca de se parecer com um heterossexual o que o fazia sentir-se muito travado, fechado e tímido. Além disso, o fato de buscar esconder sua homossexualidade e a preocupação que isso gerava o fez sentir-se com medo e inseguro, inclusive com medo de crescer na carreira e liderar outras pessoas. Talvez isso também esteja relacionado com a baixa autoestima pelo forte peso com o qual ele remete ao estigma da homossexualidade.

Já a próxima subcategoria analisa a violência a partir da perspectiva da desqualificação e da exclusão do não heterossexual no trabalho.

5.2.2 Desqualificação e exclusão

Essa subcategoria tem por temática a desqualificação e exclusão dos não heterossexuais no trabalho. Iniciaremos com a temática de exclusão e de eventos.

Você já é praticamente casado com outro rapaz?

Certo.

Você levaria ele na empresa, numa festa da empresa?

Levaria, com certeza.

Você também apresentaria como seu marido?

Não, eu acho que não tem necessidade até mesmo porque nem todo mundo lá sabe. Então, de repente como um amigo para não agredir, porque tem algumas pessoas que de repente fariam “nossa que não tinha necessidade dele falar isso”. Porque, a visão é ainda um pouco retrógrada das pessoas, de algumas pessoas (Entrevista de homossexual um).

Nota-se que mesmo vivendo um relacionamento sério com outro homem, comparado a um casamento, o entrevistado manifesta um receio de apresentá-lo em alguma festa de trabalho como companheiro. Dessa forma, a internalização da violência simbólica ou a doxa é destacada quando ele ressalta que não o apresentaria porque acredita que o homossexual agride ou que algumas pessoas do trabalho se sentiriam agredidas por tal atitude. Assim, evidencia-se a questão da violência na qual o problema é o homossexual quando o entrevistado deveria notar que o problema é apenas a valorização do modelo heterossexual. A próxima passagem também é associada com eventos.

... Em compensação, tem outras pessoas que não tem jeito, igual, por exemplo, o meu supervisor, sempre foi.

Da empresa atual?

Não, da antiga. Ele é crente, vai ser crente, vai continuar crente, e ele não vai mudar a opinião que ele tem que acha errado, que é errado, e não quer conversa a ponto de ele sequer, numa reunião que ele fez extra, depois do serviço, na casa dele, de chamar todo mundo e não me chamar, sem nenhum motivo aparente, a não ser... (Entrevista de homossexual três).

Como exposto, o indivíduo relata a situação na qual um supervisor, o qual já teria um histórico preconceituoso, realizou uma reunião em sua residência para a qual convidou todos os funcionários da empresa, exceto ele que é homossexual. Logo, pode-se tratar de mais uma manifestação de violência simbólica baseada na exclusão daquele que foge aos padrões heteronormativos valorizados. O entrevistado ainda relaciona o preconceito de tal supervisor à questões religiosas.

A exclusão do não heterossexual pode se dar por meio das relações sociais no trabalho como abaixo:

Não é complicada, porque você acaba sendo diferente, e as pessoas percebem. É aquele negócio, homem que é homem, passa uma mulher e “nossa, gostosa, boazuda”. E eu não tenho que ficar assim, homem que é homem não precisa fazer isso. Então, você é o diferente, e as pessoas percebem isso, então com o tempo as pessoas “pô, você não joga no mesmo time”. Então, você acaba de certa forma sendo excluído (Entrevista de homossexual quatro).

... então quando entra um funcionário novo, enquanto ele não sabe quem é você, ele te trata bem e tal, mas depois que ele sabe quem é você, ele já te trata com uma certa indiferença porque ele não sabe como vai te tratar porque a visão dele é diferente, a informação que ele tem é que veado se chegar perto de você está dando em cima de você, se te cortar mal já tá te passando alguma doença. Infelizmente, por maior que seja a hierarquia, o pensamento deles é esse, por maior que seja o grau de instrução a pessoa tem ainda esse pensamento, às vezes a pessoa que não tem grau de instrução nenhum é mais amiga do que tudo, eu tenho faxineiras lá que fazem a limpeza lá que pegam, te abraçam, outras pessoas não, outras pessoas já são assim, sabe, tem todo cerimonial, quer dizer as pessoas mais simples são mais fáceis de conviver do que quem tem mais estudo, os que têm mais estudo são piores do que quem não tem (Entrevista de homossexual quatro).

No primeiro trecho, o homossexual destaca que, por ter um comportamento diferente daquele considerado típico associado ao gênero masculino e, com o passar do tempo, as

peessoas notam que ele é diferente e, de certo modo, ele acaba sendo e se sentindo excluído. Já no segundo trecho, ele menciona que os funcionários recém-contratados, assim que percebem ou descobrem que ele é homossexual, mudam a forma de tratamento com ele sendo esta pautada por indiferença, pois o estereótipo do homossexual é de promíscuo, doente e de alguém que busca apenas relações sexuais com outros homens. Ademais, salienta que quanto mais alta a hierarquia ou maior o grau de instrução, maior é o tratamento pautado pela indiferença.

O próximo relato evidencia a questão da desqualificação do não heterossexual.

... Então quer dizer, as pessoas têm essa visão porque a partir do momento que você entrou num meio de hétéros, você já é diferente, eles acham que você não é capaz de ser tão bom quanto eles. Então, eles te travam, eles não te dão oportunidade para você crescer, eu acho assim qualquer lugar tem que ser muito bom... então assim as pessoas veem por esse lado, até mesmo por mais que você seja bem sucedido, bem profissional, “ah bonitinho né”, legal profissional, mas é veado, sabe aquele negócio “ele é meu amigo, mas é veado”, igual aquela música, você pode ser uma excelente pessoa, mas é veado, sempre tem essa palavra (Entrevista de homossexual quatro).

Para o referido homossexual, o não heterossexual, no meio heterossexual, é tratado como o diferente, é preterido em relação ao heterossexual, além de ser visto como menos capaz, menos qualificado ou simplesmente menos do que o heterossexual. Sempre há a consideração a respeito da sexualidade do homossexual, mesmo quando aparecem as qualidades, sua sexualidade é sempre tratada de modo a desqualificá-lo e, ademais, não lhe oferecem oportunidades de carreira ou reconhecimento. Assim, ser homossexual é um indicativo de que se é menos ou desqualificado.

Finalizaremos com o próximo depoimento que descreve uma situação de desqualificação e exclusão do homossexual, a pedido de clientes.

Uma coisa negativa é aquilo que eu te falei, às vezes, você vê um cliente, que ele não te entende, não sabe, é uma pessoa de idade, não sabe que você é um bom profissional, como já aconteceu. E a pessoa liga para a empresa dizendo que não quer você porque você denota ter, eu vou falar com as palavras da pessoa, “ele denota ter um comportamento muito gay para a posição que ele fala”. Primeiro lugar, que posição? Eu estava lá para ensinar, não estava lá para cantar ninguém. Segundo lugar, todo boi tem um nome, até hoje eu não sei o nome da pessoa que foi dito isso. Então o que me incomoda é isso, não saber quem foi.

A empresa não quis falar?

Não, esse é um lado ruim que eu acho que você deveria saber até porque hoje em dia tem preconceito por cor, preconceito por orientação e etc. porque também não pode falar por isso? Mas, eles não quiseram falar, foi diretoria mesmo que falou, não vai ser falado.

E como que você se sentiu quando eles disseram que não seria falado?

Como se fosse traído, como eu te falei, no início era uma coisa mais de união, era como se fosse quase uma família. De uma hora para outra, mudou totalmente as características ali, mudou da água para o vinho, aliás do vinho pro vinagre. Então, se tornou uma coisa muito complicada de você, sabe, então realmente tava se tornando, durante esse período, houve várias mudanças na empresa e o que era considerado uma liberdade acabou se tornando uma prisão vamos dizer assim, então ficou ruim por causa disso.

E com essa situação piorou?

Sim, até porque eu não sabia onde eu podia estar errando. Ou se realmente houve algum deslize, ou se não houve algum deslize. Ou se toda a empresa me dizer assim, acontece isso, isso. A gente está tão acostumado a se comportar de uma forma, que a gente não percebe certas coisas que nós fazemos até que elas tenham sido feitas. Então, acontece muito isso (Entrevista de homossexual três).

O entrevistado conta a história da empresa que pediu para que ele não fosse ministrar o treinamento em virtude de sua homossexualidade posto que ela o desqualificou perante o cliente mesmo sendo um bom profissional, assim evidencia-se que o cliente questiona sobre

um homossexual assumir a posição de trabalho que o entrevistado atua. É notória a revolta dele perante a situação, ele se mostra ressentido pela sua empresa não ter dito quem era o cliente homofóbico, é enfatizada a mágoa principalmente quando ele destaca que se sentiu traído e que essa situação, juntamente com outros fatores, fizeram-no sentir-se como se estivesse numa prisão. No último parágrafo, é importante destacar a internalização da violência simbólica ou a doxa quando ele se questiona se poderia estar errando, se teve algum deslize ou, no caso, se estaria fugindo da norma heteronormativa.

6. Considerações Finais

O objetivo do presente artigo foi analisar as trajetórias profissionais de homossexuais masculinos e de um bissexual de Juiz de Fora com base na violência simbólica. Para isso, revisitamos textos que tratam da homossexualidade de modo geral e aqueles dedicados à questão da violência e da violência simbólica. Realizamos entrevistas por meio da história oral e analisamos os dados qualitativamente com foco em duas categorias principais: violência em um caráter amplo e violência e trabalho.

Em um caráter amplo, as manifestações de violência simbólica abrangem um visão negativa socialmente difundida sobre os não heterossexuais, estereótipos que relacionam os gays à fragilidade e as lésbica a uma frieza ou dureza no comportamento, bem como a questão da aceitação. Sobre essa última, é pouca ou rara a real aceitação da diversidade sexual, sendo que o homossexual é dito aceito em virtude de possuir recursos econômicos ou ser bem sucedido profissionalmente.

Quanto à violência simbólica no trabalho, destacamos que, neste estudo, os homossexuais agem por meio do “não dito” sobre sua sexualidade, com uma posição afastada em relação aos colegas de trabalho, visando parecerem heterossexuais ou serem discretos, buscando separar aspectos pessoais (identidade homossexual) dos profissionais e objetivando serem ótimos profissionais para serem aceitos. Todavia, muitas vezes, agindo de tais maneiras, evidenciam a internalização do ponto de vista heteronormativo e acabam contribuindo para a invisibilidade, para o tabu e para as estigmatizações das não heterossexualidades o que contribui para a inferiorização social das sexualidades vistas como não hegemônicas. O aspecto de exclusão do homossexual no trabalho analisado aqui envolve principalmente a exclusão por meio das relações sociais no ambiente laborativo como nas questões de comemorações da empresa, de reuniões informais e no tratamento durante o convívio do dia-a-dia. Outro aspecto também associado à exclusão envolve a desqualificação do não heterossexual que é visto como diferente, anormal, incapaz, enfim, como menos que o heterossexual. Ademais, são várias as situações em que os homossexuais reproduzem os padrões heteronormativos no ambiente organizacional, se submetem a várias violências de caráter simbólico e não tem consciência ou uma reflexão crítica a respeito disso. Diante disso, concordamos com a seguinte observação da pesquisa de Bicalho e Diniz (2009, p 14) que também relaciona homossexualidade e violência simbólica:

consideramos que a pressão para o ajustamento dos indivíduos aos ditames de normalidade instaurados constitui a manifestação de violência simbólica mais insidiosa, precisamente, pela sua condição dóxica. É notória a angústia de muitos entrevistados frente à pressão para se enquadrarem no padrão heteronormativo, negando para isso, tantas vezes, a sua identidade... Enfatizamos ainda que as referidas violências simbólicas, em muitos casos, além de introjetadas são reproduzidas pelos sujeitos, em si ou em outrem. Nas ponderações do empírico, foi possível perceber que os sujeitos internalizam determinados controles, passando à autovigilância, inculcando-lhes a necessidade de ocultação da identidade sexual para contornar o preconceito. Constatamos ainda que esses sujeitos, tendo internalizado os padrões heteronormativos, passam a reproduzir as violências sofridas, contribuindo para a exclusão dos não-heterossexuais que se distanciam, em outros aspectos, do modelo hegemônico (BICALHO & DINIZ, 2009, p. 14).

Ainda sugerimos que sejam realizadas mais pesquisas com foco nas experiências de não heterossexuais no mundo do trabalho incluindo lésbicas, travestis e transexuais, também destacamos a importância da inclusão dos mesmos nas discussões sobre a diversidade nas organizações enfocando uma perspectiva crítica e reflexiva aos padrões dominantes e socialmente valorizados.

Referências

- ADELMAN, M. Paradoxos da identidade: a política de orientação sexual no século XX. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, 14: 163-171. Jun. 2000.
- BARDIN. L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BICALHO, R. A. Categorias Frankfurteanas para uma tipologia de violência nas organizações. In: Encontro de Estudos Organizacionais, V, 2008, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: ENEO, 2008.
- BICALHO, R. A.; DINIZ, A. P. R. Violência simbólica e homossexualidade: um estudo em capitais brasileiras. In: Encontro da Associação Nacional da Pós Graduação em Administração, 33, 2009, *Anais...* São Paulo: ENANPAD, 2009.
- BOM MEIHY, J. C. S. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BORILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte, Autêntica: 2010.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 2008.
- FARIA, J. H.; MENEGHETTI, R. H. A instituição da violência nas relações de trabalho. In: Encontro da Associação Nacional da Pós Graduação em Administração, 26, 2002, Salvador. *Anais...* Salvador: ENANPAD, 2002.
- FERREIRA, R.C.; SIQUEIRA, M.V.S. O gay no ambiente de trabalho: análise dos efeitos de ser gay nas organizações contemporâneas. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação em Administração, 31, 2007, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ENANPAD, 2007.
- FRANCO, M. L. P. B. *Análise de conteúdo*. Brasília: Plano Editora, 2003.
- FRY, P.; MACRAE, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- FURLANI, J. *Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- GRUPO GAY DA BAHIA. Estatística do ódio: GGB divulga relatório de homossexuais mortos no Brasil em 2011. Em: <http://www.ggb.org.br/>, acesso em 28 de de Junho de 2012.
- ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A.B. (Orgs). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006.
- IRIGARAY, H. A. A. Estratégia de sobrevivência dos gays no ambiente de trabalho. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação em Administração, 31, 2007, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ENANPAD, 2007.
- PICAZIO, C. *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998.
- PEREIRA, B. Da invenção da homossexualidade ao discurso das posses: uma análise interpretativa da identidade homossexual. Tese (Doutorado em Administração). Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, 2009.
- PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

- ROSA, A. R.; BRITO, M. J. Ensaio sobre a violência simbólica nas organizações. *Organizações e Sociedade*. Salvador: 16(51): 629-646. Out./Dez. 2009
- SIQUEIRA, M.V.S. Violência no trabalho e o homem descartável: um estudo de aproximação entre a sociologia clínica e a psicodinâmica do trabalho. In: Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, 2, 2009, Curitiba. *Anais...* ENGPR: Curitiba, 2009.
- SIQUEIRA, M.V.S.; SARAIVA, L.A.S.; CARRIERI, A.P.; LIMA, H. K. B.; ANDRADE, A. J. A. Homofobia e violência moral no trabalho no distrito federal. *Organizações e Sociedade*. Salvador: 16 (50): 447-461. Jul./Set., 2009
- SOUZA. E. M.; PEREIRA, S. J. N. As categorias identitárias que (re)produzem discriminações: estudo da discriminação exercida por gays. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação em Administração, 34, 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ENANPAD, 2010.